

A COMEMORAÇÃO DO 1º DE MAIO DESENVOLVIDA PELO COP, NO PERÍODO DE 1930 À 1945

*Rafael Dalla Rosa Figueiredo**

RESUMO: O artigo trata das formas de comemoração do 1º de Maio pelo Círculo Operário Pelotense nas décadas de 30 e 40.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhadores – 1º de Maio – Círculo Operário Pelotense.

Este artigo tem como objetivo mostrar o papel do Círculo Operário Pelotense – COP dentro do contexto sindical gaúcho e brasileiro, aprofundando-se na comemoração do 1º de Maio desenvolvido pelos circulistas pelotenses e também por trabalhadores ligados a sindicatos de ideologias diferentes.

Através do 1º de Maio ter-se-á uma visão mais realista de como os trabalhadores comemoravam esta data tão importante mundialmente. Se a forma ordeira, cívica e pacífica dos circulistas retratava o sentimento da época, ou se as correntes anarquistas e comunistas, nas suas passeatas, piquetes e discursos inflamados contra as elites capitalistas, davam o verdadeiro sentimento dos operários perante a situação em que eles se encontravam.

A motivação da Igreja para a formação do movimento circulista vem desde a divulgação das encíclicas “Rerum Novarum” e “Quadragesimo Anno”, que eram inspiradas na doutrina católica do Socialismo Cristão. Além disso, tinham o interesse em controlar e organizar a classe operária nas suas lutas em busca de melhores condições de trabalho.

No período estudado, após a Revolução de 30, a tarefa de tornar o circulismo uma realidade dentro do operariado gaúcho e brasileiro coube ao padre jesuíta Leopoldo Brentano, que ao criar o COP (Círculo Operário Pelotense) em 1932, conseguiu expandir os Círculos Operários e o circulismo por todo o RS e posteriormente com a ajuda de Vargas, por todo o país.

A Igreja também viu neste movimento uma forma de se reaproximar da população brasileira, pois no quadro social da época 90 a 95% de brasileiros eram católicos, porém apenas 20% destes fiéis poderiam ser considerados ativos e praticantes dentro da doutrina católico-cristã. Os setores mais afastados dos centros urbanos eram os que mais perdiam o contato e o convívio com a Igreja Católica, sendo muitas vezes incorporadas por religiões mais presentes no seu dia-a-dia. Tudo isto, somado ao medo da Igreja em perder seus fiéis frente ao comunismo ateu, que se disseminava rapidamente entre o operariado.

Devemos ressaltar que o COP e os Círculos Operários não eram organizações de direito canônico, seus estatutos não precisavam ser aprovados pelas lideranças eclesiais e nem seus sócios tinham obrigação de pertencerem a Igreja Católica, sendo bem-vindas pessoas ligadas a outras religiões. Porém uma série de medidas tomadas pelos circulistas em conjunto com os clérigos, mostravam a influência do Clero católico nas ações dos Círculos Operários, sendo o Assistente Eclesiástico e o seu poder de veto a qualquer política desenvolvida pelo COP, exemplos disso.

Isto fez com que os Círculos Operários não fossem bem vistos pelas organizações operárias ligadas a FORGS (Federação Operária do RS), que de 1906 à 1935, data de sua extinção, foi a principal associação dos trabalhadores gaúchos. Deste modo os circulistas gaúchos criaram a FCORS (Federação dos Círculos Operários do RS) em outubro de 1935, dando início ao projeto de expansão dos Círculos Operários e da ideologia circulista, não só no RS mas também em âmbito nacional.

Em 1937 com a FCORS já consolidada chegou-se a marca de 22 C.O. filiados e 18.000 sócios em diferentes cidades gaúchas. Um dos principais motivos que levava os trabalhadores a filiarem-se aos C.O. era a política assistencial que eles desenvolviam junto a seus sócios.

* Graduado em História pela UFPel.

Que ia da assistência médico-jurídica, escolas noturnas, creches e facilidades para compra de casa própria. Todas estas vantagens acabavam seduzindo até mesmo operários ligados a outros movimentos sindicais.

Em nível nacional o circulismo começou seu processo de expansão com a visita de 2 representantes paulistas ao estado, que iriam fundar posteriormente um C.O. na cidade de São Paulo. A partir daí outros estados já possuíam os seus C.O., havendo no ano de 1936 Círculos em Santa Catarina, Minas Gerais e Rio Grande do Norte. No ano de 37 é fundada a Confederação dos Círculos Operários do Brasil, chamada hoje de CBTC (Confederação Brasileira de Trabalhadores Cristãos). Neste mesmo ano o Padre Brentano é convidado a ir ao Rio de Janeiro, com o propósito de organizar de modo unificado o movimento circulista. O resultado foi que em 1941 o relatório anual da CNOOC (Confederação Nacional dos Operários Católicos) mostrou a existência de 60 C.O. no país com 70.000 sócios, chegando este nº a 150.000 e 142 entidades no ano de 1942.

A característica não revolucionária, ordeira e nacionalista dos C.O., que visavam o entendimento entre trabalhadores e o sistema político existente, fez com que Vargas adotasse paternalisticamente o movimento circulista, com o propósito de disciplinar e supervisionar o operariado brasileiro. Mas é importante ressaltar que esta aproximação do regime de Vargas com os C.O., só sucedeu pela incompetência do governo em lidar com os trabalhadores pelos seus próprios meios. Vargas e sua política governamental sempre foi contrário, e propenso a combater os sindicatos de tendências comunista e anarquista, o que era, segundo sua concepção, explicado pelos atos de vandalismo e desrespeito as instituições que estavam presentes nas ações destes grupos.

A Igreja viu neste momento político e social uma forma de estender a sua influência sobre a sociedade e em uma classe social na qual nunca havia tido grande penetração, dominada historicamente por lideranças leigas e influenciadas pelas doutrinas comunistas e anarquistas.

Esta aproximação entre Igreja e Estado, é marcada pelo contentamento de ambas as partes, que fica explícito no discurso do próprio Vargas, no 3º Congresso dos Círculos Operários, desenvolvido no Rio de Janeiro em 1940:

tenho acompanhado com grande simpatia o trabalho que vindes desenvolvendo (...) pela forma religiosa e educativa com que estão organizando, um movimento construtivo e um trabalho de colaboração com o governo. Naturalmente encontrareis de minha parte, sempre toda boa vontade. (BARRETO, 1996: 72)

Atuando de forma conjunta o Ministério do Trabalho e os C.O. conseguiram divulgar os ideais cristãos e Varguistas ao operariado através de desfiles, homenagens cívicas e artigos divulgados aos trabalhadores. Aproveitando desta brecha política, empresários e industriais tentaram se aproximar dos operários em busca de benefícios.

Aos poucos, o governo Vargas conseguia desmobilizar os sindicatos de tendências mais radicais e com a repressão a militância sindical comunista e anarquista após o levante da ANL (Aliança Nacional Libertadora), Vargas deixou o terreno livre para o crescimento de um operariado menos combativo e experiente e mais clientelista, que era marca dos circulistas.

O comunismo era visto pelo circulistas como algo a ser combatido, os C.O. e a Igreja tinham a preocupação em harmonizar a classe operária, defender a propriedade privada como um direito natural do ser humano. Os comunistas, na visão dos circulistas, nada mais eram do que instigadores do ódio e da inveja entre as classes menos afortunadas, e tinham como objetivo exterminar os laços de família que toda a sociedade deve possuir. Através de folhetos, documentos e jornais emitidos pelos C.O. tentavam alertar a população em geral, jovens e trabalhadores, sobre os perigos de se viver em uma sociedade comunista, em que o cidadão nada mais era do que um instrumento nas mãos do Estado. Mesmo os argumentos de igualdade social entre as relações patrão-empregado pregada pelos comunistas, eram vistas com desconfiança pelos líderes eclesiásticos e circulistas, que achavam tudo isto apenas propaganda subversiva para cegar o povo frente à miséria econômica e espiritual em que se encontravam.

Um exemplo de como era um panfleto anticomunista distribuído pelos circunistas, é este:

*Usam o pendão vermelho
Em vez do Verde-Amarelo,
Em vez do Santo Cruzeiro,
Querem a foice e o martelo!!
E adeus Brasil brasileiro
Brasil querido e belo...*

*E adeus bandeira querida.
Pendão sagrado e gentil!!
- Nos comícios comunistas,
Vejam só que coisa vil,
Dão mais vivas para Rússia,
Do que vivas pro Brasil!*

*Mártires de trinta e cinco
Surgi da campa afinal...
- Vossa morte diga à pátria .
Que o comunismo é fatal!
Também vós sois -Tiradentes-...
Não minha terra natal
Não será serva da Rússia
Como o foi de Portugal!¹*

É importante ressaltar o tom de ironia e nacionalismo presente nestas trovas.

Porém dentro de todo este contexto, vamos tentar traçar um perfil do operário que frequentava os Círculos Operários.

O operário circunista em sua grande maioria era alguém sem nenhum passado na militância sindical e política. O meio rural era de onde procedia o maior contingente de pessoas que acabavam se ligando aos Círculos Operários. Dentro da sua casa o trabalhador ligado ao circunismo deveria reforçar os seus laços familiares, harmonizando o seu convívio familiar. Era incentivado à criação de tarefas domésticas subsidiárias, como: criar aves, apicultura, floricultura e horticultura. No lado espiritual o operário deveria orientar sua família aos costumes cristãos, através de orações nos períodos da manhã, meio-dia e noite.

O COP se interessava com o bem-estar do seu associado, e tinha a preocupação de fazer este passar o maior tempo possível dentro da sede do Círculo Operário. Para isto eram desenvolvidas atividades culturais (palestras, teatro, filmes...), acesso a biblioteca, atividades esportivas, com a criação em 1936 do GACO (Grêmio Atlético Círculo Operário) e o escoterismo com a Tropa Fernando Osório.

Nesta análise do trabalhador circunista, verifica-se a sua ignorância em relação às lutas trabalhistas. Ao manter o circunista isolado das outras correntes ideológicas o operário tinha a sua capacidade de reivindicação por melhores condições de trabalho reduzidas aos interesses da Igreja e dos líderes do circunismo.

Toda esta preocupação com a rotina do trabalhador do COP fica expressa na tese exposta pelo Sr. José M. Rodrigues, que no ano de 1936 presidia a entidade:

1º) Que os C.O. promovam a construção de sedes próprias, amplas, com salas confortáveis e boa iluminação;

2º) Que as sedes sejam providas de bibliotecas, sala de leitura e salão com palco para nele se realizarem reuniões gerais de classe, festas patrióticas e espetáculos moralizadores e instrutivos.

3º) Que promova juntamente com os poderes públicos, de quem se procurará obter auxílios, para a construção de vilas operárias.

4º) Que os Círculos providenciem para que o operário encontre facilidade na aquisição de uma pequena propriedade;

¹ Versos impressos no folheto intitulado "Idéias dum Operário"(Trovas gaúchas da democracia). S/d.

5º) Que os Círculos promovam uma campanha de saneamento moral contra as casas de jogatina e outras espécies de tolerâncias que consomem toda a economia proletária, evitando assim o desperdício do tempo livre do operário. (PETERSEN e LUCAS, 1992: 48)

O 1º de Maio sempre foi uma data de importância ímpar dentro da massa proletária. Desde os primeiros registros de sua comemoração, o 1º de Maio foi alvo de infindáveis discussões, não só pelas rivalidades de grupos opostos como também pela oposição as características manipuladoras que tal festividade provocava nas massas proletárias. É de ressaltar a importância da II Internacional, na invenção do 1º de Maio, pois foi no seu Congresso em julho de 1889, em Paris, que foi discutido uma data comum a todos trabalhadores mundiais na comemoração do dia do trabalho. (PERROT, 1988).

As formas de comemorar, assim como os temas de reivindicação variavam de acordo com os grupos, os anarquistas franceses tinham na greve geral e na “intimidação” frente aos seus companheiros um modelo de comemoração, fato constatado nas festividades anarquistas brasileiras do início do século XX. Os anarquistas norte-americanos lutavam pela jornada de trabalho de 8 horas, os guesdistas (marxistas franceses) canalizavam suas energias em direção ao Estado deixando o movimento com um caráter político, não só social como antipatronal.

As comemorações socialistas eram marcadas, no princípio, pelo contraste entre a pobreza na conscientização das massas e a grande motivação destas em celebrar o dia do trabalho de forma grandiosa. Isso, na visão destes operários, impressionaria a opinião pública, mobilizando os trabalhadores frente a seus patrões. Na prática, o que se viu foram que várias das melhorias conseguidas pelos trabalhadores franceses entre os séculos XIX e XX, aconteceram através de greves e ações mais incisivas dos operários, como nos mostra Michele Perrot (1988) para o caso da França.

Na década de 30, o 1º de Maio já havia se consolidado como a data mais importante do operariado brasileiro. O COP e os Círculos Operários viam neste dia um momento propício para reforçar suas idéias e aspirações junto aos trabalhadores, através de missas e atos cívicos, o que era comemorado com a maciça presença do operariado circulista. Mesmo que estas comemorações fossem criticadas por não terem uma participação de trabalhadores identificados com a luta de seus antecessores na criação do 1º de Maio.

A importância desta data para o COP era muito grande, visto que no 1º de Maio de 1932 o COP instalava-se na sua sede própria, sendo apresentada a bandeira confeccionada pelas irmãs do Asilo São Benedito. Nesta solenidade, pode-se destacar o pronunciamento do Padre Brentano além da distribuição do “Boletim do COP” nº 1, onde foi divulgada, entre outras coisas, a súmula do estatuto da entidade.

Geralmente o 1º de Maio circulista começava com uma missa para os operários. Nesta missa eram executados cânticos sacros e sermões, exaltando a harmonia e a civilidade entre os trabalhadores.

As comemorações do 1º de Maio deveriam ser exemplos de fé e patriotismo, onde o trabalho desenvolvido resultaria na prosperidade da nação. Os trabalhadores circulistas deviam se voltar à observância das leis de Deus e dos ensinamentos de Jesus Cristo, pois sem o auxílio da religião e apenas com as combinações diplomáticas e sagacidade política, nunca seriam solucionados os problemas mundiais.

Notava-se uma certa crítica ao materialismo comunista e a ideologia marxista em si, nas comemorações do COP no 1º de Maio. Em muitos discursos este tema foi explorado como meio de se unir os trabalhadores do COP. Estas comemorações circulistas, davam respostas àqueles que consideravam os sócios do COP ingênuos e passivos em seus manejos. Não havia portanto, nenhuma intenção de união por parte dos circulistas com os grupos comunistas, que eram considerados exploradores e politiqueros pelos líderes do COP.

Porém, um fato interessante na história de comemorações do COP foi no 1º de Maio de 1933, marcado pela tentativa de se desenvolver as festividades em conjunto entre os representantes do COP e FSP. As primeiras negociações entre circulistas e membros da Frente Sindicalista Pelotense estão registradas a partir de abril de 1933, com uma reunião na Frente que contou com a presença de 18 sindicatos filiados e mais dois do COP (chapeleiros e trabalhadores em laticínio). Nesta reunião, ficou decidido que a ação conjunta constaria de passeata e entrega de manifesto ao prefeito sobre a situação das classes proletárias (LONER,

1999). Mas esta ação conjunta acabou não acontecendo, em virtude da resistência dos religiosos circulistas em aceitar a aproximação de sindicalistas de outras correntes ideológicas com os “ingênuos” trabalhadores do COP, que poderiam ser facilmente influenciados pelas idéias comunistas. Este modo protecionista, com que as autoridades eclesiásticas e os líderes circulistas tratavam os trabalhadores ligados ao COP é algo lastimável, pois deixava o operário circulista sem acesso a outras visões de movimentos sindicais, e de certa forma o prejudicava em obter um verdadeiro quadro das condições dos trabalhadores da época.

O COP, juntamente com a Igreja, via no 1º de Maio uma data importantíssima no contexto social mundial, pois para a Igreja só com o advento do Cristianismo, o trabalho e o trabalhador ganharam um caráter enobrecedor perante a sociedade, pois na antiguidade pagã só escravos desenvolviam esta função. O trabalhador, assim como sua família, na maioria das sociedades romanas e gregas, antes do nascimento de Cristo, era visto com um ser que ocupava a mais baixa posição social. Na doutrina circulista o trabalho era encarado como uma fonte de benefícios ao homem, dando-lhe condições de obter de forma digna não só o seu alimento, mas também a sua moradia e o seu próprio bem-estar.

Através do trabalho as pessoas conquistariam sua posição na sociedade, fossem elas mais ou menos abastadas. Esta era a inspiração que vigorava no COP, com relação ao 1º de Maio e que se expressava em suas comemorações festivas, como nota-se a seguir:

Programa do COP no 1º Maio de 1939²

9 Horas: Hasteamento da bandeira e discurso do Presidente do COP Sr. José Maria Rodrigues.

12 Horas: Girândola de foguetes na sede do COP.

15 Horas: Matinê infantil para os filhos dos sócios, peça encenada pelo grupo cênico do COP.

18 Horas: Concentração e organização de préstito na sede do COP, nas ruas Barroso entre Capitão Cícero e Miguel Barcelos.

19 Horas: Desfile conduzindo o retrato de Getúlio Vargas passando pelas redações dos jornais para homenagear a imprensa, entoando o hino operário. Após se rumará à prefeitura onde aguardarão o desfile autoridades. Ao chegar será cantado o Hino Nacional.

Volta para a sede do COP onde em sessão solene serão homenageados o Presidente Getúlio Vargas, na presença de autoridades estaduais, nas figuras de Dr. Valdemar Falcão, e Cel. Cordeiro de Farias.

FONTE: Diário Popular 29/04/1939.

Pode-se ver o clima de não transgressão da ordem vigente, nestas comemorações de 1939, o que materializava-se nas homenagens à Vargas e nas atividades desenvolvidas com os filhos dos circulistas. Porém a participação dos operários era maciça pois em reportagem do Diário Popular em 02/05/1939, ressaltou-se a falta de espaço na sede do COP para todos os presentes, sendo os discursos feitos na rua em frente a sede.

É difícil, ao analisar-se as manifestações circulistas no 1º de Maio, se constatar alguma real vantagem obtida pelos operários frente ao governo. Mesmo que os circulistas obtivessem muitos benefícios ao se filiarem no COP, as conquistas trabalhistas eram escassas após as “pacíficas” reivindicações circulistas, que mais pareciam desfiles cívicos exaltando a figura do Presidente e o seu modo de governar.

Indiferente das linhas ideológicas, a comemoração comunista se assemelhava com a circulista. Mesmo que os filmes exibidos e os discursos políticos abordassem a situação do trabalhador de maneira diferente, o meio de se atingir os operários era o mesmo.

Temos aqui um exemplo de um 1º de Maio desenvolvido pelo Partido Comunista Brasileiro através de seu Comitê Regional do RS, no ano de 1927:

1º) Abertura – A Internacional;

2º) Exibição de uma superprodução intitulada “Desordem e Gênio”, 12 atos de verdadeira arte e encanto, interpretadas pelo artista russo Ivan Moujuskine;

3º) Exibição da comédia, “Em perigo”- três atos de riso contínuo;

² Deve-se ressaltar que toda esta programação foi desenvolvida em conjunto com a União Sindical .

- 4º) Falará, historiando a data, um operário;
- 5º) Conferência por um operário sobre o seguinte tema: capitalismo e a luta de classe;
- 6º) Falará um operário sobre o tema: Necessidade da organização sindical;
- 7º) Falará um operário sobre o tema: A origem e a evolução de classes. (PETERSEN e LUCAS, 1992)

À guisa de conclusão, vê-se que, a partir dos anos 30, a corrente circuísta estava muito bem organizada no meio operário. A Igreja conseguiu aglutinar um grande nº de simpatizantes ao C.O., mesmo que a principal característica destes trabalhadores filiados fosse uma certa passividade e conformismo com a situação em que a grande maioria dos operários brasileiros se encontravam. Sua atuação abalou significativamente os sindicatos comunistas e anarco-sindicalistas da época, que sofriam por parte do governo uma forte repressão. O apoio governamental foi um fator decisivo para o desenvolvimento dos C.O. pois assim tiveram condições de implantar uma política assistencial junto aos operários, coisa que nenhum órgão governamental ou não, tinha efetuado até então.

No que se refere as comemorações do 1º de Maio, foi visto a grande mobilização circuísta em se celebrar a data, mesmo que o tom destas festividades destoassem das comemorações comunistas e anarquistas. Os Círculos Operários desenvolviam muitas atividades culturais e sociais, marcando presença no cenário trabalhista da época. Deve-se criticar o modo como eram feitas essas comemorações, que na maior parte das vezes nada mais eram do que exaltações a favor de governos e de seus programas políticos, fato que ia contra os princípios de reivindicação que marcaram os 1º de Maio, desde sua criação enquanto festa mundial dos trabalhadores.

Referências bibliográficas

- BARRETO, ÁLVARO. *O movimento operário Rio-Grandense e a intervenção estatal: a FORGS e os Círculos Operários (1932-1935)*. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- LONER, Beatriz. *Classe operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937*. Vol. 1 e 2. Dissertação de Doutorado em Sociologia, Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PETERSEN, Sílvia; LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do Movimento Operário gaúcho (1870-1937)*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

ABSTRACT: This article's porpoise is about the ways of Labour's Day celebration at C. O. Pelotense in the decades of 30 and 40

KEY-WORDS: Workers – Labour's Day – Labour's Circle Pelotense.